

“AS FORMAS DO TEMPO”, na Nara Roesler Rio de Janeiro



Na terceira exposição da programação que celebra os 50 anos de atuação de Nara Roesler como galerista, o curador Bernardo Mosqueira reúne obras de 22 artistas, de várias gerações e ligados ao território do Rio de Janeiro, em uma reflexão sobre a capacidade da arte de nos ensinar sobre o tempo

Convidado a realizar uma mostra que celebrasse os 50 anos da galerista Nara Roesler e sua relação com o território do Rio de Janeiro, como parte de uma série de exposições comemorativas, Bernardo Mosqueira decidiu mergulhar *“na dimensão reflexiva característica dos aniversários para aprender com as obras de arte sobre as diferentes formas de compreender as relações entre ser, tempo e mistério”*.

As obras se relacionam entre si a partir de diferentes concepções de temporalidade. No espaço da Nara Roesler Rio de Janeiro, *“essas categorias e questionamentos se atravessam por meio dos gestos conceituais, formais, narrativos e poéticos propostos pelos artistas e por seus trabalhos”*.

“Enquanto algumas obras levantam questões relativas à ancestralidade, às memórias da ditadura militar e às transformações ecológicas, outras refletem sobre o próprio papel da imagem diante do tempo, sobre a finitude dos nossos corpos ou sobre como as obras de arte nos sobrevivem e contradizem”, afirma Bernardo Mosqueira, que teve como curadora assistente a pesquisadora e curadora Ana Clara Simões Lopes.

A mostra reúne obras de 17 artistas representados por Nara Roesler, nascidos no Rio de Janeiro ou que escolheram a cidade como lugar de morada e trabalho.

Bernardo Mosqueira convidou também cinco jovens artistas mulheres sem representação comercial para participarem da mostra. *“Como é uma exposição sobre o tempo, mas em que também refletimos sobre a trajetória da Nara, para nós foi importante trazer não apenas obras desses artistas absolutamente consagrados de seu time, mas também abrir uma pequena passagem para o que ainda virá: apresentando e representando, neste pacto com o tempo, caminhos para as artistas que ainda terão relação com a galeria. Além da força de suas práticas serem bastante complementares para o grupo de artistas apresentado, suas ideias sobre o tempo são grandes contribuições para nossa reflexão”*, afirma o curador.

Os artistas participantes representados pela galeria são Abraham Palatnik (1928, Natal-2020, Rio de Janeiro), Alice Miceli (1980, Rio de Janeiro), Angelo Venosa (1954, São Paulo-2022, Rio de Janeiro), André Griffó (1979, Barra Mansa, Rio de Janeiro; vive no Rio de Janeiro), Antonio Dias (1944, Campina Grande, Paraíba-2018, Rio de Janeiro), Brígida Baltar (1959-2022, Rio de Janeiro), Carlito Carvalhosa (1961-2021, São Paulo), Cristina Canale (1961, Rio de Janeiro), Daniel Senise (1955, Rio de Janeiro), Elian Almeida (1994, Rio de Janeiro), Manoela Medeiros (1991, Rio de Janeiro), Marcos Chaves (1961, Rio de Janeiro), Maria Klabin (1978, Rio de Janeiro), Milton Machado (1947, Rio de

Janeiro), Raul Mourão (1967, Rio de Janeiro) e Vik Muniz (1961, São Paulo; vive no Rio de Janeiro).

“*As formas do tempo*” apresenta também trabalhos de Hélio Oiticica (1937-1980, Rio de Janeiro), cujo legado foi representado pela galeria entre 2005 e 2019, além das artistas convidadas Marcelle Nascimento (1999, Belém; vive no Rio de Janeiro), Guilhermina Augusti (1996, São Paulo; vive no Rio de Janeiro), Ana das Neves (2000, Rio de Janeiro), Mayra Carvalho (1997, Baixada Fluminense) e Fátima Aguiar (1991, Rio de Janeiro).

PERCURSO DA EXPOSIÇÃO – ARTISTAS/OBRAS

No térreo da Nara Roesler Rio de Janeiro, duas pinturas de Maria Klabin – “*3 da tarde*” e “*7 da noite*” – ambas de 2025, anunciam a exposição, com os vasos de flores retratados em momentos diferentes do dia, indicando a passagem do tempo.

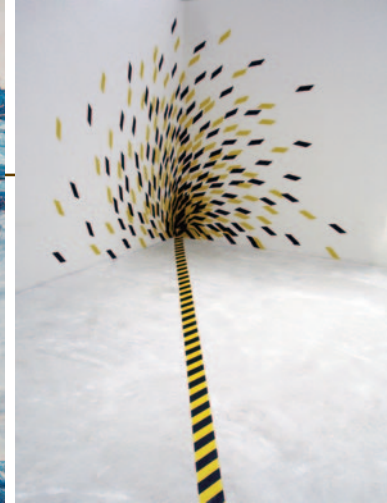
“*Sem título*” (1992, série “*Dedinhos*”), de Carlito Carvalhosa, com as marcas dos dedos do artista, nos traz a presença da forma do corpo do artista, mesmo após a sua passagem.

“*Verônica*” (2024), monotipia de parede em tecido e medium acrílico, de Daniel Senise, discute as múltiplas camadas do tempo e o papel das forças indexicais e simbólicas da imagem na construção da temporalidade, a partir da ideia do véu de Verônica, tema recorrente em uma de suas séries mais icônicas. À frente, a escultura “*Outro mergulho*” (2018-2024), em bronze com banho de prata, de Brígida Baltar, apresenta um corpo cujas mãos foram substituídas por moldagens das mãos da própria artista, conferindo permanência aos seus gestos e visões para além da duração de sua vida, em diálogo com os dedos em cera que também emergem na obra de Carlito.

Da esquerda para a direita: Maria Klabin, *3 da tarde*, 2025; Carlito Carvalhosa, *Sem título*, série *Dedinhos*, 1992; Brígida Baltar, *Outro mergulho*, 2018-2024

Fotos: Flavio Freire





Da esquerda para a direita: Daniel Senise, *Verônica*, 2024 – Foto: Flavio Freire; Elian Almeida, *Alumia o teu povo em procissão (Igreja e Convento de São Francisco, Salvador)*, 2024 – Foto: Divulgação; Marcos Chaves, *Fontana*, 2006 – Foto: Divulgação

Em outro grupo de obras estão presentes a história, a política e a memória: *“Black Mirror”* (1968) de Antonio Dias, um trabalho importante do artista, criado durante a ditadura no Brasil. André Griffo, que em seu trabalho faz um entrelaçamento entre história da arte e as questões do presente, mostra na pintura *“O massacre dos inocentes”* (2023) – tinta óleo e folha de ouro sobre compensado naval – uma cena de massacre feito por uma cavalaria, o que nos remete à ideia de genocídio.

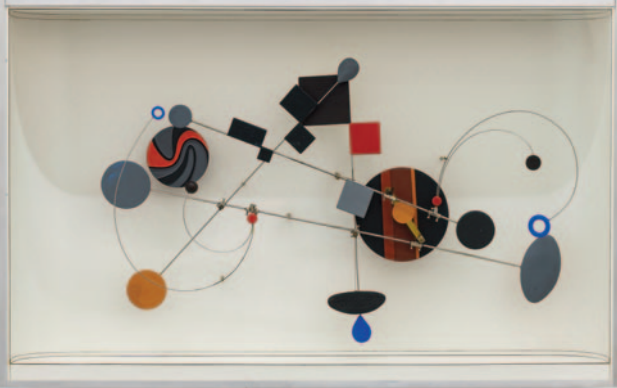
A pesquisa de Guilhermina Augusti de dar vitalidade e continuidade a legados gráficos da arte negra brasileira pode ser vista na pintura *“Noite Eterna”* (2024). A relação entre história, valor e presença, elementos presentes na obra de Elian Almeida, está na pintura *“Alumia o teu povo em procissão (Igreja e Convento de São Francisco, Salvador)”*, 2024.

Marcelle Nascimento investiga e expande o conceito de ilha, ilhas fluviais amazônicas que surgem em determinados períodos, e incorpora elementos de encantaria na pintura circular *“Ensaio Sobre a Fuga: Fazer as Imagens Viverem Fora de Si”* (2026).

A obra *“Caminhantes ao Horizonte”* (2024), de Ana das Neves, instalada no chão em frente ao cruzamento de duas paredes, forma um portal, tendo como base raízes de troncos de mangue, encimado por penas que vão do vermelho, em alusão à ave guará, até o branco, relacionado às garças. Com 2 metros de altura, 1,60m de comprimento e 1,20m de largura, a obra se relaciona diretamente com Guaratiba, bairro na zona oeste do Rio de Janeiro, antigo território tupinambá, que tem seu nome originalmente devido à presença do pássaro guará. A ave, que estava extinta, havia dado lugar à garça branca, e agora está sendo reintroduzida na região.

SALA DA CLARABOIA

A sala que fica na parte de trás da galeria, onde tem uma claraboia, vai receber as obras que falam, de forma mais direta, de tempo e movimento. *“Fontana”* (2006), de Marcos Chaves, instalação feita diretamente na parede com fitas adesivas de sinalização urbana, se aproxima dos losangos do *“Metaesquema”* (1958), de Hélio Oiticica e do *“balanço Mais luz # 02”* (2013) de Raul Mourão. Neste espaço estão dois *“Objetos Cinéticos”* de Abraham Palatnik, que devotou sua vida



Abraham Palatnik, *Objeto cinético KK-9ª*, 1966-2009
Foto: Flavio Freire



Antonio Dias, *AH!*, 1964
Foto: Tatiana Mito



Vik Muniz, *Fósseis de Conchas Marinhas da Bacia de Paris, 45 Milhões de Anos*, série *Museu das Cinzas*, 2019
Foto: Divulgação

ao estudo do movimento: “*Objeto cinético P-28*” (1971/2000) e “*Objeto cinético KK-9ª*” (1966/2009).

Obra feita especialmente para a exposição pela artista Mayra Carvalho, “*Ijasò do fundo do rio conduz saberes à terra*” (2026), é composta de terra, barro, verdete (acetato de cobre), encáustica e giz sobre tela. São representações de água a partir da materialidade do barro; e alude ao ocaso, momento de transição do dia, em que a artista observa esses seres elementais. A obra está em relação à grande pintura de Cristina Canale (1961, Rio de Janeiro), “*Queda*” (1990), que nos traz uma imagem de queda d’água, nos ligando à natureza, seus elementos e temporalidades.

Ainda no térreo, em frente à escada, está “*AH!*” (1964), de Antonio Dias, um trabalho feito pelo artista aos vinte anos, no início do regime militar.

SEGUNDO ANDAR

No segundo andar os trabalhos apontam para a ideia de construção, ruína, finitude e transcendência da arte no tempo.

Estão ali “*Projeto Chernobyl | Fragmento do tronco de uma árvore I | 6.920 µSv*”, de Alice Miceli, uma repro-

dução positiva de negativos radiográficos, 2007/2010; “*Fósseis de Conchas Marinhas da Bacia de Paris, 45 Milhões de Anos*” (série “*Museu das Cinzas*”), 2019, de Vik Muniz; e “*Sem título*” (1994), de Angelo Venosa.

Na parede maior, estão “*Museu do Recôncavo Wanderley Pinho VI*” (2019), de Daniel Senise; e “*Ruína (telhado)*”, 2022, de Manoela Medeiros.

O vídeo “*Torre*” (1996), um “clássico” de Brígida Baltar, em que ela vai construindo um muro circular à própria volta, está ao lado da estalactite de Fátima Aguiar, “*Espeleotema*” (2026), com cristais cravejados. Vinda da geologia, Fátima Aguiar “*pensa aqui o tempo da sedimentação, mas comprimindo-o no gesto escultórico, fazendo pela mão aquilo que a rocha faria em eras de acúmulo mineral*”.

No centro da sala, “*Já estava assim quando eu cheguei*”, de Carlito Carvalhosa (2015), “*o pão de açúcar emborcado, que faz uma relação interessante com a estalactite da Fátima Aguiar*”.

Na última parede ficam quatro importantes obras de Brígida Baltar – as três esculturas “*Sem título*” (2002), em vidro, pó de tijolo e cola PVA sobre tijolo – e a fo-

tografia, “*Sem título*” (2005), em que ela está com as mãos dentro do espaço de um tijolo na construção.

SOBRE BERNARDO MOSQUEIRA

Bernardo Mosqueira é curador, escritor e pesquisador carioca radicado em Nova York. É fundador e diretor artístico da Solar, no Rio de Janeiro, e diretor do Prêmio FOCO ArtRio. De 2023 a 2025, atuou como curador-chefe do *Institute for Studies on Latin American Art (ISLAA)*, após trabalhar na equipe curatorial do *New Museum* (2021-2023). Entre 2011 e 2014, Mosqueira organizou o festival de performance *Vênus Terra* e, de 2011 a 2015, foi curador da Galeria de Arte Ibeu. Em 2020, cofundou o *Fundo Colaborativo*, o primeiro fundo emergencial dedicado a artistas e trabalhadores da arte no Brasil. Suas exposições recentes incluem “*Castiel Vitorino Brasileiro: Eterno Vulnerável*” (Solar, 2025); “*Diana Dowek: Uprising in the Mirror*” (ISLAA, 2025); “*Luis Fernando Bedit: Invisible Labyrinths*” (ISLAA, 2024); “*Korakrit Arunanondchai: butthewords make worlds*” (Solar, 2024); “*Wynnie Mynerva: The Original Riot*” (*New Museum*, 2023); e “*Pepón Osorio: My Beating Heart / Mi corazón latiente*” (*New Museum*, 2023). Fez parte da equipe curatorial da quinta Trienal do *New Museum*, *Soft Water Hard Stone* (2021). Recebeu o Prêmio Lorenzo Bonaldi em 2017 e, em 2025, o Prêmio da *Vilcek Foundation* por seu trabalho curatorial. Mosqueira possui mestrado em estudos curatoriais pelo *CCS Bard* (2021).

SOBRE ANA CLARA SIMÕES LOPES

Ana Clara Simões Lopes (1996, Rio de Janeiro). Bacharel em História da Arte pela UERJ, desenvolve sua prática entre escrita, pesquisa e curadoria, com especial inte-

resse por práticas artísticas e institucionais radicais e por uma escrita da história que se sabe estória. Assinou o texto crítico de “*Memória Bambi*”, individual da artista Ana Miguel (Galeria Cavalo, 2026). Foi curadora da individual “*Desenhos de chegada*” (SESC Ramos, 2025), da coletiva “*Fazer com, pensar junto*” (Centro Cultural dos Correios, 2025) e da residência *Casa Europa* (2024). Foi curadora assistente da I e II Bienal das Amazônias (CCBA, 2023/2025) e de exposições como “*FARSA: Linguagem, Fratura, Ficção Brasil-Portugal*” (SESC Pompeia, 2020) e “*Miriam Inez da Silva*” (Museu Nacional da República, 2022). Atuou como pesquisadora na exposição “*À Nordeste*” (SESC 24 de Maio, 2019).



SERVIÇO

“*As formas do tempo*”

Até 22 de agosto
 Nara Roesler
 Rua Redentor, 241,
 Ipanema, Rio de
 Janeiro / RJ
 Tel.: (21) 3591-0052
info@nararoesler.art
 Dias/Horários:
 segunda a sexta, das
 10h às 18h; sábado,
 das 11h às 15h
 Entrada gratuita
<https://nararoesler.art/>

Cristina Canale,
Queda, 1990
 Foto: Erika Mayumi